

APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação e Cultura e Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 050 467
MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

Será Possível?...

Será possível que no século XX quando o mundo se prepara para uma civilização perfeita, ou pelo menos que caminha para ela com persistência e boa vontade, se depare com o indigno problema do ódio das Raças?!...

Semelhante problema im-

Por

Seisdedos Branco

plica o dever indeclinável de perguntar:

Onde está a Humanidade?!...

Onde está a Civilização?!...

Prossigamos na exposição clara deste assunto, embora uma vez mais de máximo pesar a que a índole dum simples artigo fatalmente obriga.

Como responder às perguntas que estão em suspenso?

A exacta compreensão dos homens poderá responder.

Os jornais e os rádios apresentam-nos factos deploráveis e a sequência de casos desagradáveis.

Desde tempos remotos que têm tentativas de conquista as diferentes raças, embaraçado o magnífico progresso humano em demanda de maior grau de cultura e civilização.

Pretendem como bem sabemos, várias nações acentuar com eficácia as diferenças entre as raças mundiais.

Que assim seja em certos pontos, talvez sejamos for-

çados a concordar, mas para que perseguir os negros; abolir-lhes os direitos individuais, o viver junto de outras raças que os receberam, embora quase como inferiores, implantando a nefanda tirania em substituição às normas da vida, que foram ditadas por Deus.

Para que ensombrar a Terra com o ódio e a negra névem de desigualdade, porque deixar suspensa no horizonte a ameaça dum guerra fundamentada sobre o direito da injustiça?...

E' lícita e humana a compreensão cabal de se fazer conhecer o magno dever de respeito pelo próximo, seja qual for a sua nacionalidade; mas que esse respeito seja espontâneo e real.

Repugna admitir que hajam ainda pelo mundo casos como os que se relatam.

Na ância de dilatarem a Fé e o Império — com o verdadeiro sentido que para Portugal tem este último vocábulo — à medida que davam mundos novos ao Mundo e traziam ignoradas gentes para a luz da civilização ocidental e cristã os nossos marinheiros e conquistadores, missionários e administradores promoviam a possível amizade nos povos das terras longínquas que iam descobrindo e ocupando.

Alcançaram valoroso êxito, que com os anos vão progredindo no que respeita a preceitos evangélicos, moralizadores e humanos...

Onde está o crime daquele que nos é diferente na cor?

Sabemos perfeitamente que

(Continua na página 7)

Notícias diversas

DE PORTUGAL

— Em virtude da quantidade, sempre crescente, dos desastres de viação, o sr. Ministro das Comunicações determinou a realização de uma campanha para que as normas de trânsito sejam respeitadas.

— No Instituto de Ciências Económicas e Financeiras realizou-se sob a presidência do sr. Prof. Dr. Mosés Amzalak, reitor da Universidade Técnica de Lisboa, a sessão de entrega dos prémios aos alunos mais classificados.

— O novo Embaixador da Suécia, Knut Richard Thyberg, entregou no passado dia 30, as suas credenciais ao Senhor Presidente da República.

— O novo edifício da embaixada de Portugal no Rio de Janeiro — uma casa de aspecto solarengo em estilo colonial — será dotado de mobiliário e adornos artísticos, expressamente fabricados em Portugal.

— Tem estado gravemente doente o glorioso almirante Gago Coutinho, o qual se encontra internado no Hospital da Marinha.

DO ESTRANGEIRO

— Os hospitais londrinos estão cheios de doentes atacados de gripe e sarampo.

— A Comissão de Polícia da cidade de Surabaia, da Ilha de Java, proibiu danças modernas, como chá-chá-chá, a rumba e outras, a fim de salvaguardar a ordem geral e impôr o respeito pelas normas morais.

— O Presidente da R.A.U., coronel Gamal Abdel Nasser foi tratado e curado de uma grave doença pelo otorino — laringologista sueco, prof. Nils Richtner.

Fundação Sain

Em cerimónia que se revestiu da maior singeleza, realizou-se na residência da sr.ª D. Raquel Sain e do sr. Martin Sain a posse do Conselho Administrativo da Fundação por eles criada com a dotação de meio milhão de dólares.

Esta dádiva magnífica, sequência de muitas outras, menos vultosas mas de igual significado, com que a família Sain tem auxiliado hospitais e casas de assistência,

destina-se a proteger e reeducar os cegos portugueses.

A Fundação não será apenas um abrigo mas uma obra social extraordinária, pois ela procurará tornar os cegos em seres úteis a si mesmos e, válidos perante a sociedade em que vivem, oferecendo-lhes uma existência menos dolorosa. Imaginada e estruturada por Martin Sain, a Fundação contribuirá para a elevação do nível espiritual, moral e económico dos cegos pela sua recuperação, possibilitando-lhes uma actividade profissional que, antes, dificilmente poderiam exercer.

Não menos importante será a sua acção no campo dos estudos da cegueira, pois a Fundação estabelecerá relações com organismos congêneres estrangeiros e com professores e técnicos que a esses estudos se dediquem. A Fundação é, desde já, um importantíssimo elemento da obra assistencial que se vai desenvolvendo e aperfeiçoando no País e a que a recente criação do Ministério da Saúde deu já aspectos revolucionários.

No acto da posse do Conselho de Administração presidido pelo Ministro da Saúde, o sr. Martin Sain explicou os motivos que o levaram a instituir a Fundação, dizendo:

«Desde a mais tenra idade, considerando a cegueira uma das mais graves e trágicas

(Continua na página 5)

Canção da GUARDA

GUARDA, ó velha cidade,
sentinela da fronteira,
tu és fria na verdade,
mas és terna e hospitaleira!

Se eras feia antigamente,
hoje és um burgo moderno,
embrulhando-te no Inverno
tua neve alvinhente.

Fundou-te Sancho Primeiro
na encosta Leste da Estrela,
em um lugar sobranceiro,
frente à vizinha Castela,

para desse alto lugar
guardares a Nação
de toda a hostil invasão
que dela pudesse entrar.

Do cimo do teu Castelo
ofreces ao visitante
panorama vasto e belo
para os lados do Levante.

Co'a tua Sé Catedral,
GUARDA, tu, hoje, és bela!...
És a rainha da Estrela,
vigia de PORTUGALI...

J. Reis Chorão

(Do jornal «A Guarda» de 8-2-1959)

LEGENDAS DE PORTUGAL (XV)

Alcobaça

A verde e fresca vila de Alcobaça nasceu à roda do mosteiro que, nos tempos da Fundação, D. Afonso Henriques ali levantou, para os monges de Cister — os célebres frades, mestres na arte da agricultura, que desbravaram e amanharam as ricas terras da região, até ao Valado e à Cela, abrindo canais, enxugando, irrigando, revolvendo, com o esforço do seu braço, aquelas terras até então inúteis...

No centro, verdadeiro coração e cabeça de toda a obra, estava o convento, com a sua formosa igreja.

Este templo maravilhoso representa em Portugal o estilo gótico na sua inteira pureza, verdadeira oração de pedra...

Ao entrarmos dentro dele, ao mergulharmos na penumbra mística das suas naves, sentimos alastrar os grandes silêncios das coisas de Deus...

Ali dentro acaricia-nos a alma, bem vivo, o sentimento do Infinito, fazendo dilatar, no peito, o desejo da oração... A grandeza e a simplicidade das linhas casam-se com o recato, a suavidade da luz, criando um mundo de beleza que nos penetra até ao mais íntimo.

Em verdade, sob aquelas pedras transfiguradas pelo sopro do espírito, reina uma paz e sente-se uma vida, que não são deste mundo...

Imagens de Portugal



GUARDA — Uma perspectiva parcial da antiga e veneranda Cidade, fundada em 1199 por D. Sancho I, «com a condição expressa de manter o antigo título egitaniense, em homenagem à histórica cidade da Egitânia», sua primitiva sede de diocese.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º
Telef. 030245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 030256 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ª e 6.ª feiras
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista
Doenças dos olhos
Consultas às 5.ª feiras,
pelas 14 horas
Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º
Telef. 030245
MONTIJO

Dr. A. Gonçalves de Azevedo

Estomatologia-Boca e Dentes
Consultório:
R. Almirante Reis, 134 - MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça
Av. Luís de Camões - MONTIJO
Telef. 030502 - 030465 - 030012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
R. José Joaquim Marques - N.º 231
Telef. 030556
MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 030038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030046
Serviços Médico Sociais, 030198
Bombeiros, 030048
Taxis, 030025 e 030479
Ponte dos Vapores, 030425
Polícia, 030144

Telefone 030378

Para Boas Fotografias
procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71

Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

MONTIJO

Plano de Actividades do Município de Montijo

Concluimos no presente número de «A Província», através dos capítulos V a VIII, a publicação do Plano de Actividades do nosso Município, para o actual ano de 1959.

Aborda-se aí o problema da rede de esgotos da zona do Parque desta vila, bem como a efectivação de outras obras e serviços originados pela evolução do nosso concelho.

De igual modo se ventulam aí os projectos em estudo da construção do bairro de casas económicas e urbanização da vila de Montijo, dependentes das possibilidades financeiras que se possam obter por empréstimos a contrair na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante autorizações governamentais.

Dentro em breve prosseguiremos, portanto, trazendo a público as bases do orçamento ordinário da nossa Câmara Municipal, para o ano económico actual, em que assentam as possibilidades dum engrandecimento cada vez maior das terras de Montijo e seu termo.

Leiamos, pois, as palavras de fé e esperança do presidente do Município de Montijo, sr. José da Silva Leite, nos seguintes períodos desse valioso documento;

Salubridade Pública

1) — Rede de Esgotos da zona do Parque

Com projecto devidamente aprovado e comparticipação concedida, prevê-se a primeira fase desta obra no ano próximo.

Dá-se assim início a um vasto e oneroso plano de valorização da zona da vila, que será executado a seu tempo, de harmonia com os projectos já aprovados superiormente pelas diversas entidades.

Pretende-se nesta fase dar a prioridade à zona mais densamente urbanizada, onde de há muito se faz sentir a falta deste melhoramento.

O custo da obra eleva-se a mais de mil contos e a comparticipação do Estado prevista para 1959 comporta-se em 71 contos.

V I

Outras obras e serviços

A par destas realizações perfeitamente integradas nas suas atribuições, a Câmara não pode olvidar outras obras de menor importância, mas de indiscutível necessidade e ainda o natural funcionamento dos serviços, que em cada ano evoluem, tornando mais cara a sua manutenção, mais operosa a sua administração.

V II

Outros assuntos de interesse concelhio

1) — Bairro de Casas Económicas

Não obstante a demora da decisão, alheia ao Município, para construção dum bairro de casas económicas, a Câmara não esquece o compromisso tomado, qual é o de oferecer o terreno e a sua urbanização. Para este efeito, foram já feitos os necessários estudos da localização e condições de aquisição.

Paralelamente, foi considerada a necessidade de dinheiro para esse efeito e assim, por deliberação que vai ser submetida à aprovação de V. Ex.ª, projecta-se contrair um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, com destino parcial a essas mesmas despesas.

Confiemos, entretanto, pois tudo se conjuga para atingir o fim em

vista — um bairro de casas económicas no Montijo.

2) — Urbanização

O novo ante-plano de urbanização, já na posse da Câmara, prevê, naturalmente, a expropriação de terrenos necessários à urbanização da vila.

É por demais evidente que a Câmara não dispõe de capital suficiente para essas despesas, ainda que parciais, e por isso, pretende contrair um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência que, a ser concedido, tornará possíveis algumas aquisições de terrenos pertencentes a munícipes falhos de iniciativas ou de capacidade financeira.

V III

Considerações finais

O exposto, é uma sumula necessariamente breve, das actividades previstas para o ano corrente, pois não se justifica uma descrição exaustiva de tudo o que se projecta.

Salientam-se, como é natural, as realizações de vulto, — obras de valor, bem dignas da nossa terra e de indiscutível necessidade.

O Montijo, por muito que pese aos despeitados, atingiu nos últi-

mos anos uma craveira elevada, que o torna uma das mais progressivas vilas portuguesas.

Mas, essa situação privilegiada acarreta-lhe responsabilidades, impõe-lhe deveres. Assim, não é possível prever pequenos melhoramentos de aldeia, mas sim planear realizações de nível semelhante às que foram agora inauguradas.

É evidente que esta desejada continuidade não é realizável somente com os dinheiros municipais mas, a lei, permite a realização de empréstimos em condições aceitáveis, que tornam possível manter o ritmo e, sobretudo, o nível tão dificilmente alcançado.

Contamos que a administração municipal do próximo ano seja já benéficamente influenciada pelo auxílio financeiro, proveniente de empréstimos. De qualquer modo, porém, queremos assegurar a V. Ex.ª que não nos falece a vontade e energia indispensáveis ao prosseguimento dum obra que nos seduz e nos apaixona, qual é a de valorizar a nossa terra e prestigiar cada vez mais o Montijo.

Montijo e Paços do Concelho,
27 de Outubro de 1958

O Presidente da Câmara,
José da Silva Leite

CORTIÇAS DE PORTUGAL

Portugal é no mundo o país maior produtor de cortiça com cerca de 50% e também o detentor da mais rica gama de qualidades.

Não só as condições agro-climáticas do país são excepcionalmente favoráveis ao sobreiro mas este é ainda e completamente objecto de cuidados especiais pelo que a cortiça portuguesa tem, com justiça, reputação mundial.

Os sobreirais portugueses, enormes na sua extensão e imponentes pelo porte gigantesco das árvores seculares, são verdadeiro exemplo de riqueza elaborada na paz, oferecendo a quem os contempla um quadro grandioso que ano a ano produz sossegadamente, tranquilamente, num mundo em que a trepidação e a rapidez da vida são, já hoje, um flagelo!

O sobreiro tem condições óptimas de vida nos países do Mediterrâneo Ocidental. Mas dada a excepcional riqueza da sua produção, várias nações se têm esforçado por introduzir a sua cultura, sem qualquer resultado prático até hoje.

Segundo o testemunho insuspeito de alguns escritores gregos e romanos, desde os mais reinotos tempos que a cortiça, conhecida também dos árabes, arménios e chineses, é empregada na construção de flutuadores de vários tipos, colmeias, solas para sapatos, batoques, etc., aplicações que ainda hoje se mantêm.

A excelência da cortiça como isolante do calor não era mesmo ignorada nos

primeiros tempos da monarquia agrária romana.

Embora, como se disse, já os povos da antiguidade usassem batoques para barris, a descoberta da garrafa abriu novas possibilidades ao aproveitamento industrial da cortiça e imprimiu um extraordinário incremento à indústria corticeira: impermeável aos líquidos e gases e recuperando facilmente a forma privativa após compressões das mais elevadas, desde logo a cortiça se apresentou como vedante ideal tendo esta utilização notável

expansão a partir da 2.ª metade do século XVIII.

Ainda hoje as rolhas de cortiça natural não foram destronadas quando usadas no rolhamento de vinhos de superior qualidade para longa permanência em cave.

As rolhas são hoje fabricadas em inúmeros calibres e formatos, correspondendo assim à diversidade dos recipientes utilizados.

Além dos produtos de cortiça indicada outros têm surgido a atestar permanentemente a excelência e a variedade das aplicações de cortiça. Estão neste caso o papel de cortiça, de largo emprego nas pontas de cigarros e nas indústrias gráficas, a lã para o enchimento de almofadas e colchões flutuadores e marcadores de nível em depósitos de combustíveis líquidos, objectos artísticos, etc., etc.

A utilização da cortiça estende-se ao domínio da indústria química embora até ao momento sem a projecção alcançada noutros sectores industriais. Pela sua destilação seca é possível obter-se um carvão mole e poroso usado na preparação de tintas de impressão e misturas de substâncias corantes e alcatrão de cortiça, além de vários outros produtos de fraccionamento como gás de iluminação, essências para o fabrico de papel e substâncias impermeáveis, etc..

Os estudos efectuados e em curso com vista ao enriquecimento do campo de utilização da cortiça deixam entrever, neste e noutros aspectos, fundamentadas esperanças.

A indústria portuguesa atingiu um notável desenvolvimento, quer no número de unidades, quer na perfeição posta no acabamento dos produtos. Existem hoje em laboração, cerca de 700 fábricas que mobilizam uma população de quase 20.000 operários e cujos produtos, em condições normais de concorrência, se impõem em todos os mercados pela sua qualidade e preço; tais re-

(Continua na página 5)

Grande inquérito aos

nosso assinantes e leitores

«A Província» pretende ser um jornal melhor e maior quanto possível, segundo os desejos dos nossos queridos leitores.

Assim, correspondendo a esse propósito, resolveu auscultar todos os seus leitores e amigos, ouvindo as suas sugestões e alvitraes.

«Comércio, Indústria, Lavoura, Informação, Cultura, Passa-Tempo, Página da Mulher, Desportos, etc.» secções que podem ser criadas ou melhoradas.

Mas queremos saber por si, aberta e claramente, o que não gosta, o que acha mal e aquilo que este jornal precisa, segundo a sua maneira de ver.

Desde já solicitamos que nos informe, dirigindo a sua indicação a «INQUÉRITO-Jornal «A Província», em envelope fechado, quanto aos assuntos ou secções que desejaria ver tratados no seu jornal. Querendo, pode até colaborar naquilo que quizer.

«A Província» é o seu jornal e portanto pode colaborar, tendo agora oportunidade de pedir tudo que lhe possa interessar.

Ajude-nos caro leitor e faremos de «A Província» o jornal, que gostaria de ler com agrado.

Envie-nos as suas sugestões e será já um bom colaborador.

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— No dia 14, completou 29 anos o nosso prezado assinante, sr. Emídio Gomes Manhoso.
 — No dia 16, fez 14 anos o menino Manuel António Pego Baraona, filho do nosso estimado assinante, sr. Frederico A. Baraona.
 — No dia 17, completou 5 anos o menino Mário Fernando Pialgata Lucas, filhinho do nosso prezado assinante, sr. Mário Nogueira Lucas.

— No dia 17, perlez 43 anos a sr.^a D. Rosalina Maria Farinha, esposa do nosso estimado assinante, sr. Flaminio Joaquim Farinha.
 — No dia 17, completou 11 anos de idade a menina Hermínia Alves Tormenta, filha do nosso dedicado assinante, sr. Abílio Gonçalves Tormenta Júnior.
 — No dia 17, o menino Silvano da Costa Saraiva, filho do nosso prezado assinante, sr. António Paulo Saraiva.

— No dia 18, o sr. Alfredo da Costa Carvalho, filho do nosso estimado assinante, sr. João Nunes de Carvalho.
 — No dia 18, o sr. José Júlio Grilo Cardoso, conceituado industrial de barbearia nesta vila e nosso dedicado assinante.
 — No dia 18, o menino José Carlos Gouveia Ricardo, filho do nosso estimado assinante, sr. António José Ricardo.

— No dia 19, o menino Joaquim Fernando Madeira Martins, filho da nossa estimada assinante, sr.^a D. Guiomar Madeira.
 — No dia 19, o sr. António José Martins Barros, filho do nosso prezado assinante, sr. José Martins Barros.

— No dia 20, completa 30 anos o sr. José Marques Gervásio, nosso estimado assinante.
 — No dia 21, a menina Helena Sabino Bernardes, sobrinha da nossa dedicada assinante, sr.^a D. Laura Bernardes.

— No dia 21, completa 29 anos o sr. José Paulo da Silva Futre, nosso estimado assinante.
 A todas as pessoas aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas felicitações.

Câmara Municipal de Montijo

Resumo da acta da reunião ordinária de 12 de Fevereiro de 1959

Presentes: Os srs. José da Silva Leite, Presidente; e os vereadores, Francisco Tobias da Silva Augusto, Tomás Manhoso Iça, Joaquim Brito Sancho, Carlos Gouveia Dimas, Francisco Braz da Cruz e Mário Miguel de Sousa Rama. **Secretário:** o sr. José Maria Mendes Costa, Chefe da Secretaria.

Deliberações tomadas

- Conceder diversas licenças para obras;
- Publicar editais para arrematação da cantina do Mercado Central;
- Aplicar a pena de multa a um serventário;
- Aceitar os preços propostos para os terrenos destinados à escola do Bairro do Mouco;
- Estabelecer os novos ordenados e salários do pessoal camarário, de harmonia com as disposições legais aplicáveis;
- Contratar com a firma «Artop» os estudos topográficos da zona a leste do Montijo;
- Tomar o encargo do pagamento da renda da casa do comandante do Posto da G. N. R. de Canha, de harmonia com as disposições legais recentemente publicadas.

Aluga-se

— QUARTO com sala de espera, para escritório ou qualquer ramo no género, num dos melhores locais de Montijo e renda acessível. Informa nesta redacção.

MONTIJO

FESTAS DE S. PEDRO

Continua a Comissão das Festas a desenvolver grande actividade na organização do 1.º Festival do Sul de Folclore Nacional.

A Comissão dirigiu convites a vários Ranchos, estando alguns já assegurados.

Até ao momento presente, foram convidados os seguintes quinze Ranchos:

«Das Cantarinhas», de Buarcos, e «das Rosas», da Figueira da Foz; «Polclóricos»: de Vila Franca de Xira; «Tá-Mar», da Nazaré; do Cartaxo; da Casa do Povo de Santo Estêvão, Tavira; «Pauliteiros», de Duas Igrejas; das Casas do Povo de Samora Correia, de Almeirim, e de Casa Branca (Souzel); «Alegria de Arraiolos», de Arraiolos; «Grupo Municipal», da Póvoa do Varzim; «Típicos»: «Sete Saias», de Benavente; e de Pombal; e o do Centro de Recreio Popular «Leões da Floresta», da Covilhã.

Na sua última reunião foram escolhidas as Bandas a abrihantar as próximas Festas, num total de treze, e sorteados os respectivos coretos.

Foram definitivamente aprovados os orçamentos respeitantes a fogos de artifício, ornamentações e iluminações que, como habitualmente, estarão a cargo das conhecidas e conceituadas firmas António J. Fernandes & Filhos, de Lanhelas; e V.ª de Constantino Lira, de Felgueiras.

Já foram recebidas algumas «maquetas» com vista ao cartaz e programa das Festas do corrente ano. Espera a Comissão que outros trabalhos lhes sejam enviados, para o que foi estabelecido o prazo até o dia 28 do corrente.

Sociedade Recreativa

do Alto das Vinhas Grandes

Efectua-se nesta simpática colectividade popular arrabalдина, no próximo domingo, dia 22, com a obsequiosa colaboração do Conjunto Musical «Os Rouxinóis do Alto das Vinhas Grandes», um baile comemorativo do 10.º aniversário daquela agremiação recreativa e beneficente.

Esta festa associativa é dedicada aos seus sócios e respectivas famílias.

Por ter sido aprovada a criação da Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes em 25-2-1949, isto é muito cerca de há dez anos, felicitamos a sua direcção e respectiva massa associativa, augurando-lhes as maiores venturas de futuro.

Subsídios para aquisição de roupas e agasalhos

Dentre várias verbas concedidas pelo Ministério da Saúde e Assistência a instituições de beneficência, foram destinadas à Misericórdia de Alhos Vedros, 25 contos; e igual quantia ao Asilo de Nossa Senhora da Boa Viagem, da vizinha vila da Moita do Ribatejo, as quais se destinam à aquisição de roupas e agasalhos para os seus protegidos.

Movimento Judicial

Transferido da comarca das Caldas da Rainha, por promoção à 2.ª classe, foi colocado na comarca de Montijo, o delegado do Procurador da República, sr. Dr. António de Abreu David Ferreira da Cunha, o qual era ali muito estimado.

Ao novo magistrado desejamos as maiores venturas, no desempenho do seu honroso cargo oficial.

Cartas à

Direcção

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta, com data de 30 do mês findo:

Sr. Director de «A Província»:

O nosso caminho está pessimista, em estado de ninguém aqui poder passar, devido aos canos rebentarem.

Por isso pedimos providências e para que o sr. Presidente da Câmara seja conhecedor, do que se está a passar, visto que toda a gente se recusa ali ir, mesmo em caso de aflicção.

Agradecendo o seu bom acolhimento e as providências que sejam tomadas, somos

De V....

(a) Os moradores do bairro do Peixe e da Barrosa.

PROVA DE CICLISMO

A exemplo do ano transacto realiza-se novamente este ano organizada pela Federação Portuguesa de Ciclismo e com o patrocínio da Câmara Municipal de Montijo, a prova ciclística destinada somente a indivíduos deste concelho e que nunca tenham participado em provas oficiais.

O percurso a designar terá a distância de 50 Km. e realizar-se-á no próximo dia 8 de Março.

Na Câmara Municipal prestam-se todos os esclarecimentos da referida prova.

Sociedade Recreativa

Progresso Afonsoeirense

De harmonia com o artigo 9.º dos estatutos desta colectividade, é convocada a Assembleia Geral Ordinária para o dia 27 do corrente, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apresentação de contas e eleição dos novos corpos gerentes.

Se à primeira convocação não comparecer número suficiente de sócios, efectuar-se-á esta uma hora depois com qualquer número.

Afonsoeiro, 17 de Fevereiro de 1959

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral José Silvestre Calado

AGRADECIMENTO

Maria José da Purificação Lopes

José António Resina, sua mulher e filhas; Maria Augusta Resina e Porfírio Caetano, vêm por este meio e devido a desconhecimento de algumas moradas agradecer a todas as pessoas que acompanharam à última morada, no dia 22 do mês findo, sua saudosa mãe, sogra e avó.

Vende-se

— BICICLETA MOTORIZADA tipo moto, em muito bom estado. Cromados e pintura de origem — preço acessível.

Mostra-se na R. Gago Coutinho n.º 25 — MONTIJO.

Leia, Assine e Divulgue:

«A PROVINCIA»

«O Palmeiras»

Clube Montijense de Desportos

Em Assembleia Geral recente desta agremiação desportiva que dentro de poucos dias atinge o seu 8.º ano de vida, foram eleitos os seguintes corpos gerentes:

Assembleia Geral: — Presidente, — José Dias Távira; vice-presidente, — António Boaventura Miranda Ramiro; e secretário, — Carlos Alberto Canastreiro Ferreira; **Direcção;** Presidente, — António Joaquim Ramiro Assunção; vice-presidente, — Álvaro Luís Lopes da Costa; tesoureiro, — António João Pinto de Oliveira Gaspar; secretário, — José Manuel da Luz Baião; e capitão geral, — Heitor da Silva Estrela.

Que esta pléiade de entusiastas montijenses obtenha uma maior soma de triunfos nas suas actividades recreativas e desportivas, é o que lhes vaticinamos no decorrer do ano corrente e seguintes.

Câmara Municipal de Montijo

Ocupação da cantina do Mercado Central

Faz-se público que no dia 24 do corrente, pelas 21 h., nos Paços do Concelho, se procederá à arrematação do direito de ocupação da cantina do Mercado Central, conforme condições patentes na Secretaria Municipal.

Montijo, 13 de Fevereiro de 1959

O Presidente da Câmara, José da Silva Leite

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Montijo

Aquisição de uma máquina de escrever «carreto grande»

Faz-se público que até ao dia 28 do corrente mês se aceitam propostas, em carta devidamente lacrada, para o fornecimento de uma máquina de escrever «carreto grande».

A Bem da Nação, Secretaria dos Serviços Municipalizados, em 6 de Fevereiro de 1959

O Presidente do Conselho de Administração, José da Silva Leite

Licenciada em Ciências Económicas e financeiras

— Dá explicações em casa na Av. Luís de Camões, 9 - 3.º - Dt.º — MONTIJO.

Trespasa-se

— ESTABELECIMENTO, na Praça 5 de Outubro, n.º 5 - MONTIJO. Preço vantajoso com recheio ou só paredes. Renda em conta.

Motorista - Ligeiros

— Profissional — Oferece-se com longa prática. Alguns conhecimentos de escritório. Nesta redacção se informa.

Visado pela Censura

AGENDA UTILITARIA

Farmácias de Serviço

- 5.ª feira, 19 — Montepio
- 6.ª feira, 20 — Moderna
- Sábado, 21 — Higiene
- Domingo, 22 — Diogo
- 2.ª feira, 23 — Giraldes
- 3.ª feira, 24 — Montepio
- 4.ª feira, 25 — Moderna

Boletim Religioso

Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

- 5.ª-feira, 19 — às 8,30, 9 e 9,30 h.
- 6.ª-feira, 20 — às 8, 8,30 e 9 h.
- Sábado, 21 — às 8, 8,30 e 9 h.
- Domingo, 22 — na Igreja da Misericórdia, às 8 h.; na Igreja Paroquial, às 10, 11,30 e 18 h.; na Capela do Afonsoeiro, às 9 h.; no Santuário da Atalaia, às 10,30 h.; e na Jardim, às 16,15 h..

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Evangélica Presbiteriana do Salvador — Rua Santos Oliveira, 4 - Montijo.

Domingos — Escola dominical, às 10 horas, para crianças, jovens e adultos. Culto divino, às 11 e 21 h.

Quartas-feiras — Culto abreviado, com ensaio de cânticos religiosos, às 21 h.

Sextas-feiras — Reunião de Oração às 21 h.

No segundo domingo de cada mês, celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucarística Sagrada Comunhão

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A - Montijo.

Domingos: — Escola Dominical, às 11,30 h.; Prêgação do Evangelho, às 21 h.

Quintas-feiras: — Prêgação do Evangelho, às 21 h.

A Imprensa Regional do Norte do País vai reunir em Lisboa

Depois da reunião, em Janeiro passado, da Imprensa Regional do Sul e Centro do País, o Secretariado Nacional da Informação vai organizar agora, em Lisboa, a reunião da Imprensa Regional do Norte, reunião essa que se efectuará nos dias 9, 10 e 11 de Março próximo. (ANI).

Conjunto Musical «OS ROUXINOIS», do Alto das Vinhas Grandes

Mais um agrupamento musical conta o Montijo desde o dia 7 do mês corrente, há pouco constituído no bairro satélite do Alto das Vinhas Grandes.

Gentilmente apadrinhado pela menina Maria de Lourdes Costa, fez a sua apresentação na Sociedade Recreativa local, actuando com sucesso nos cinco bailes da quadra festiva do Carnaval deste ano.

Este conjunto ficou assim composto: **Bateria e vocalista:** Júlio Lourenço; **Ensaíador e viola eléctrica:** Severino Jacinto Pratas; **1.º Banjo:** António S. Coelho; **2.º Banjo:** Vitor Manuel; **3.º Banjo:** Bernardino B. Almeida; **Bandola:** António Filipe; e **Viola:** António Coelho.

Ao novo conjunto musical endereçamos as nossas saudações e votos de inúmeras prosperidades, para estímulo do progresso da Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes, a cuja causa de engrandecimento está ligado.

Espectáculo Carnavalesco pelo Grupo Artístico Montijense

Crónica alegre por Eduardo dos Santos Baeta

Realizou-se, como noticiámos, no pretérito dia 4 do corrente, no salão de festas da Banda Democrática 2 de Janeiro, o apreciável espectáculo sério-cómico, levado a efeito pelo distinto conjunto artístico da nossa terra.

Foram seus locutores os conhecidos animadores Luís Onofre e Nuno de Menezes, com a graciosa colaboração da gentil Maria Helena Sampaio.

Representou-se o desopilante quadro de comédia «Dominó para os dois lados», tendo todos os amadores que nele tomaram parte um à-vontade impressionante, distinguindo-se em especial, António Carlos, Natália Correia, Francisco Caixeirinha, e o novel actor canino «Cucu».

Também o conhecido artista montijense Vaz de Carvalho quis colaborar extra-programa, actuando primorosamente, tendo compartilhado dos aplausos com o maestro Humberto de Sousa e «Orquestra Eldorado», bem como todos os elementos do «Grupo Artístico Montijense», e especialmente, a pequena «Teresinha», Maria de Lourdes Sampaio, Zulmira Santos, António Tavares, Arlindo Silva, Moisés Soares, Natália Correia, Mariana Pereira, etc., etc..

Como número sensacional deste espectáculo, reservámos para o final desta crónica, a apreciação do grande atractivo da noite: a apresentação do mágico Ching-Lukas, considerado rei da magia, do imprevisto e do «suspense», com a sua «partenaire» Pi-Russa.

Ching-Lukas, um gigante de mais de dois metros de altura, mais magrisela que gordo, de barbichas e tranças, surgiu em cena, ricamente vestido em estilo oriental.

O seu primeiro número envolvido em nuvens de fumo, «típicamente oriental», criava de facto emoção à brava, arte à bicha, mistério à parva...

Ching-Lukas, que é um artista pago a peso de ouro, para vir tomar parte no Carnaval do Estoril, veio gentilmente colaborar neste espectáculo.

Entre vários números de artes mágicas, destacaram-se o bailado da jarra e das flores no espaço; a desapareição duma espectadora; a cena de hipnotismo; a do canudo e das cartas, em que foi magistral, maravilhoso, fantástico, ultrapassando o inverosímil; e acima de tudo, a do decapitado.

Foi deveras um espectáculo extraordinário, e por isso lhe dizemos: Bravo, Ching Lukas!...

* * *

Quisemos obter um autógráfo seu a fim de testemunhar a sua passagem pelo Montijo, pois fomos incumbidos de o entrevistar para «A Província».

Tivemos grande dificuldade nesta missão, porque não percebíamos a língua do mágico chinês, pois que se assemelha à do Yaca-Moca...

Salvou-nos desse precalço o nosso amigo e conhecido animador do Grupo Artístico Montijense, Luís Onofre, reputado poliglota destas redondezas.

Posto à nossa disposição, — e por retransmissão de pensamento —, o aplaudido oriental disse-nos que era europeu, nascido em Montijo, embora de raça amarela, o que nos deixou boquiabertos.

Explicou que seus pais há muitos anos estiveram estabelecidos no Montijo, dedicando-se ao negócio dos bolos de arroz... amarelo, e daí o ter nascido desta cor e nesta vila.

Depois as vicissitudes da vida, obrigara-os a procurar novos rumos, fixando residência na Índia, onde aprendeu toda a arte de faquirismo. Há pouco contratado para actuar no Carnaval do Estoril, quis colaborar graciosamente na terra que lhe serviu de berço.

Como ainda tinha que seguir nessa noite para o Estoril, onde já era ansiosamente esperado, agradecemos a Ching-Lukas e a Luís Onofre, como seu «sócia», a entrevista concedida para «A Província».

«Premolde Estruturas Especiais de Betão, L. da»

Para efeitos de publicação faço saber que, por escritura de 29 de Setembro de 1958, lavrada de fls. 21 a fls. 23 v. do Livro número Sete B., do Cartório Notarial de Montijo, a cargo do notário Licenciado Alvaro dos Santos Marcelo, entre FRANCISCO ANTÓNIO ABREU, JOSÉ MANUEL VALAÇÃO DA LUZ CLARA, MANUEL ARROJA BEATRIZ e FRANCISCO ARROJA BEATRIZ, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes.

1.º

A sociedade adopta a denominação «PREMOLDE ESTRUTURAS ESPECIAS DE BETÃO, LIMITADA» tem a sua sede nesta vila, durará por tempo indeterminado, e o seu início conta-se desde o próximo dia um de Outubro.

2.º

O seu objecto é o exercício e indústria de pré-fabricação de materiais para a construção podendo, explorar qualquer outro ramo que seja permitido por lei;

3.º

O capital social já inteiramente realizado, em dinheiro é de 200.000\$00 e corresponde à soma de 4 cotas de 50.000\$00 pertencendo cada uma delas, a cada um dos sócios;

4.º

Não serão exigíveis prestações

suplementares de capital, mas qualquer dos sócios, poderá, querendo, fazer os suprimentos necessários, nos termos e sob as cláusulas, que entre si combinarem e constarem da respectiva acta;

5.º

A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, os quais ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, e com ou sem remuneração, conforme for resolvido em Assembleia Geral, e constar da respectiva acta, bastando, para que a sociedade, fique válidamente obrigada, em todos e quaisquer dos seus actos, contractos e documentos as assinaturas em conjunto de dois sócios gerentes;

§ ÚNICO

Aos gerentes é expressamente proibido obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor, e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, sob pena de responsabilidade pessoal, para com a sociedade;

6.º

A cessão de cotas entre os sócios é livremente permitida, mas a estranhos fica dependente do consentimento expresso da sociedade à qual é reservado, em todo o caso, o direito de preferência; não usando a sociedade deste direito competirá o mesmo aos outros sócios, na proporção dos que já possuem na Sociedade. A cota alienanda no caso de preferência, será paga, segundo o balanço a que se procederá para tal fim;

7.º

O sócio que quizer ceder a sua cota assim o comunicará por cartas-registadas, com aviso de recepção indicando o nome do adquirente, e se dentro do prazo de 30 dias, não receber qualquer resposta poderá realizar livremente a indicada alienação;

8.º

Os balanços dar-se-hão com referência a 31 de Dezembro de cada ano, e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos 5%, pelo menos, para a realização ou reintegração do fundo de reserva legal, serão distribuídos pelos sócios, na proporção das suas cotas. Na

«Manuel José Afonso Júnior, Limitada»

Para efeitos de publicação faço saber que, por escritura de 5 de Janeiro de 1959, lavrada de fls. 44 a fls. 47 v. do Livro número sete B., do Cartório Notarial de Montijo, a cargo do notário licenciado Alvaro dos Santos Marcelo, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «MANUEL JOSÉ AFONSO JÚNIOR, LIMITADA», tem a sua sede e domicílio no lugar do Afonsoeiro, freguesia e concelho de Montijo;

2.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde o dia um do corrente mês.

3.º

O objecto da sociedade é a indústria de preparação de cortiça, podendo, dedicar-se a qualquer outra modalidade de indústria ou comércio que resolva explorar e que não dependa de autorização especial;

4.º

O seu capital é de 60.000\$00, em dinheiro, que já deu entrada na caixa social e corresponde à soma das cotas dos sócios, que são:

MANUEL JOSÉ AFONSO JÚNIOR, 100\$00; AFONSO NEVES SANCHO, 10.000\$00; JÚLIO JOSÉ VARGUES PARREIRA, 10.000\$00; JÚLIO MANUEL MARQUES DE

ALBUQUERQUE, 10.000\$00; JOSÉ NEVES AFONSO, 10.000\$00; MAURICIO AFONSO NEVES, 10.000\$00; NORBERTO NEVES AFONSO, 9.900\$00.

5.º

A cessão total ou parcial de quotas a favor de qualquer dos sócios é livremente permitida. Mas a cessão a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade e dos outros sócios, tendo aquela em primeiro lugar e estes em segundo, o direito da preferência;

6.º

A administração da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbe a todos os sócios, os quais ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução, sendo necessário, para que a sociedade fique obrigada, que os respectivos actos e documentos sejam assinados por dois dos gerentes, conjuntamente, um assinando o nome da firma e o outro o nome individual;

§ 1.º

Os documentos de méro expediente poderão ser assinados por qualquer dos gerentes sob carimbo da firma;

§ 2.º

É expressamente vedado aos gerentes usar da firma em documentos, contractos e actos estranhos aos negócios da sociedade, especialmente em letras de favor, abonações, fianças, e responsabilidade semelhantes, sob pena de o que infringir este preceito responder, pessoalmente, pelo que assinar, e ter de indemnizar a sociedade por todos os danos, que, com tal acto lhe causar;

7.º

Os balanços fechar-se-hão em 31 de Dezembro de cada ano e os lucros líquidos que se apurarem, deduzida a percentagem de, pelo menos 5%, para a formação em reintegração do fundo de reserva legal, ou os prejuizos, havendo-os, serão divididos ou suportados pelos sócios na proporção das suas respectivas cotas;

8.º

A sociedade dissolve-se nos casos taxativamente marcados na lei. Dada a dissolução, a respectiva liquidação e partilha se procederá, como os sócios deliberarem e for de direito, no caso de falta de acordo ou quando qualquer deles pretender o estabelecimento social, este, com todo o seu activo e passivo, será licitado verbalmente entre os sócios e adjudicado àquele que mais oferecer;

9.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes continuarão na sociedade, se eles e a sociedade assim acordarem. Na falta de acordo, a sociedade amortizará a respectiva cota pagando-a pelo valor que lhe corresponder, segundo o balanço que para o efeito, então, se procederá;

§ ÚNICO

Se os herdeiros do sócio falecido continuarem na sociedade deverão exercer em comum, por intermédio de um só, por todos escolhidos, os respectivos direitos, enquanto a cota estiver indivisa;

10.º

As assembleias gerais, quando devam reunir-se e a lei não prescreva outras formalidades, serão convocadas por carta registada, aos sócios dirigida, com aviso de recepção, com a antecedência de 5 dias, pelo menos, indicando o assunto a deliberar;

11.º

Em todo o omissis regularão as deliberações dos sócios, devidamente tomadas e constantes de actas e as disposições legais aplicáveis, nomeadamente a lei de 11 de Abril de 1901;

Montijo, 11 de Fevereiro de 1959

O Ajudante do Cartório,

Manuel Cipriano Rod. Futre

mesma proporção serão suportadas as perdas, se as houver;

9.º

A convocação da Assembleia Geral, será feita quando necessária por meio de carta-aviso com a antecedência de dez dias, se a lei não exigir outra forma;

10.º

Por morte ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes, os quais na primeira hipotese e durante o estado da interdição, escolherão, de acordo com os restantes sócios um de entre si que os deva representar;

11.º

Salvo consentimento dado pela Assembleia, não poderá nenhum sócio exercer a sua actividade em qualquer comércio ou indústria idêntica ou semelhante aos exercidos pela Sociedade, quer como empregado, por conta própria, ou ainda como sócio gerente, ou não, de qualquer outra firma individual ou colectiva;

12.º

Em todo o omissis regularão as disposições legais aplicáveis.

Montijo, 11 de Fevereiro de 1959

O Ajudante do cartório

Manuel Cipriano R. Futre

QUADRAS:

Quando foge a juventude
E os anos passam nui
breve,
De nada serve a virtude
Porque a calca a fria neve.

Seisdedos Branco

Trocadilho:

E, se a velhice pudesse,
Que lhe servia a virtude?
Se a mocidade soubesse,
Trocaria a juventude?!

Zé Ninguém

HILLMAN

HUMBER

SINGER

SUNBEAM

e Furgonetas COMMER do Grupo ROOTER

José Forte Faria

AGENTE DISTRITAL

RENAULT E DE SOTO

Avenida 22 de Dezembro, 62-64

Setúbal

Telefons 22673

ALMADA

«Os Marialvas das Andorinhas»

comemoraram o seu 2.º ano de existência

Das terras deste progressivo concelho de Almada, assinala o seu incessante desenvolvimento, — entre outras —, a sua rejuvenescida vila cidade, que, dia a dia, vê abrirem-se novos arruamentos e a edificação de atraentes propriedades. Contudo a par desses aspectos de evolução para a futura cidade, encimada pelo magestoso monumento a Cristo-Rei, ainda se verificam ali alguns bairros de gente humilde, em que abundam grupos de crianças cujos pais vivem em precárias condições económicas.

Foi dentro deste ambiente de gradual crescimento de Almada, que em 3 de Fe-

vereiro de 1957, portanto há dois anos, se organizou nesta vila uma agremiação recreativa e beneficente, que tomou o título de «Os Marialvas das Andorinhas», que a par da sua acção de recreio, tem colaborado em alguns actos de «bem fazer», — objectivo extremamente simpático —, e de bom agrado para os seus associados e protegidos.

O agrupamento «Os Marialvas» tem actualmente 27 sócios efectivos e 39 sócios benfeitores, e tem satisfatoriamente desenvolvido a sua actividade.

Aquando da comemoração do seu primeiro ano de vida associativa, vestiu e calçou dez crianças oriundas

desses bairros pobres, designados por Quinta da Alegria e Caranguejais, da zona desta vila.

Por ocasião do último Natal, fez-se sentir a sua acção junto dos doentes hospitalizados e pelo Natal, fez-se uma distribuição de prendas aos reclusos da Cadeia Comarcã, oferecidas pelo comércio local.

Agora solenizando o seu 2.º aniversário ocorrido em 3 do corrente mês, «Os Marialvas das Andorinhas» efectuaram no domingo, 8 do corrente, uma distribuição de vestuário e calçado a vinte crianças, (de ambos os sexos), — com visível regozijo de suas famílias —, seguido de um «almoço volante» aos seus protegidos.

Ainda em comemoração deste aniversário, teve lugar uma sessão de fados pelo «Conjunto Artístico Cavadas», em que tomaram parte os seguintes amadores: João Cavadas, José Castanheira, Alfredo Correia, Francisco Guarda, Flávio Pais, Jaime Coelho, Orlando Gomes e Graciano Leitão, com acompanhamento por Francisco Cruz (guitarra) e José Martins (viola).

A sua direcção é composta, pelos srs. Jaime Coelho, (presidente); Carlos Santos e José Duarte (vogais); tendo «Os Marialvas das Andorinhas», como seu director artístico, o nosso prestimoso amigo sr. Francisco Carvalho.

«A Província» que se fez representar nestes actos festivos pelo seu redactor principal, saúda e felicita tão valiosa colectividade e augura-lhe o maior grau de prosperidades, através de muitos e incessantes êxitos na sua útil e louvável existência.

José Miguel Martinho

PORTUGAL

País de Turismo

(Continuação da página 8)

relação aos estrangeiros que nos visitam.

O português, quase sempre incrédulo das suas coisas, comete frequentemente o erro de debandar nas suas férias para terras estrangeiras, desconhecendo, muitas vezes, as belezas das suas terras, algumas delas inigualáveis.

Quantas vezes, desiludido, volta então para ver aquilo que é seu e que, com espanto, o convence, então, de que Portugal é também um País de Turismo.

Este e outros factos revelam a existência ainda dum espírito negativista que é preciso combater, de modo a que cada um de nós se convença, definitivamente, de que pode também ajudar a desenvolver uma indústria que enriquecendo a Nação, vem beneficiar, afinal, todos os portugueses.

Sociedade Columbófila

DE MONTIJO

Vai ter começo no domingo, dia 1 de Março próximo, a campanha desportiva de 1959, desta activa sociedade columbófila, representativa do seu 10.º ano de actividade.

A primeira prova oficial de treino num percurso de 48 km, à vila de Torres Vedras, realiza-se nessa data; seguida de uma outra no domingo, 8, de 79 km, à cidade das Caldas da Rainha.

Como provas de concurso, no mês de Março deste ano, constam as seguintes:

em 15, Beja, de 128 km; em 22, Tavira, de 213 km; e 29, Faro, de 211 km; no mês de Abril, a 5, Valença do Minho, 371 km; em 12, Corunha, de 522 km; em 19, Castelo Branco, de 182 km; e em 26, Tua, de 310 km; no mês de Maio, a 3, Madrid, de 490 km; em 10, Aveiro, 225 km; em 17, Gaia, 272 km;

em 24, Régua, 292 km; em 31, Burgos, de 603 km; no mês de Junho, em 7, à Covilhã, 219 km; em 14, a Mangualde, 237 km; em 21, a Vilar Formoso, 284 km; em 27, a Vitória, 746 km; e a final, em 4 de Julho p. fl.º, de 378 km; a Monção.

Do valor das inscrições das provas nacionais são distribuídos 30%, em partes iguais, pelos concorrentes classificados do 1.º ao 10.º, e nos concursos internacionais, 15%, em idênticas circunstâncias.

Os prémios monetários serão entregues todos os sábados, após as provas; e além desses prémios, serão igualmente atribuídas valiosas taças a cada um dos primeiros classificados e variados objectos para os secundários.

O regulamento geral dos concursos encontra-se na sede da colectividade à disposição dos concorrentes.

A avaliar pelos brilhantes resultados das campanhas transactas e dado todo o interesse da sua população associativa, é de esperar o maior êxito nesta nova campanha da Sociedade Columbófila de Montijo, cuja Direcção felicitamos pelo seu inquebrantável zelo e amor clubista.

Cortiças de Portugal

(Continuação da página 2)

sultados são devidos à conjugação de uma mão-de-obra especializada, constituída por gerações de operários que transmitem aos filhos os ensinamentos colhidos na prática da indústria com o alto nível técnico das instalações.

Assim, as unidades fabris portuguesas estão aptas a fabricar nas melhores condições todos os produtos de cortiça que é possível imaginar desde a simples rolha cilíndrica até às folhas de aglomerados de composição destinadas às indústrias automobilísticas e da aviação.

(Do «Boletim Informações», do S.N.I., continua no próx. núm.)

Fundação Sain

(Continuação da 1.ª página)

enfermidades, que afligem a humanidade, sentia uma profunda compaixão ao ver na rua um cego, tendo uma única companhia: a sua bengala. Pensei sempre que os cegos deveriam ser ajudados, reeducados e recuperados para uma vida tanto quanto possível normal, dentro da sua dolorosa enfermidade».

«A Província»

Está à venda em Lisboa nos seguintes locais:

•Tabacaria Mónaco
Rossio, 21

•Tabacaria S. Sebastião da Pedreira

Rua Augusto Santos, 11

e na sua Delegação:

Avenida do Brasil, 178, 1.º-Esq.º

Telefone 728280

MONTIJENSE:

Colabora espontaneamente para que o nosso concelho seja apontado como símbolo de civilidade! — O cuspir, o lançamento de inútilidades para a via pública, é sintoma de pouca educação e desrespeito pelo próximo!

SANFER, L.ª D.ª

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

GRANDE CONCURSO de Prognósticos de Futebol

Cupões entrados do n.º 20, de 1-2-59: 109

VENCEDORES NO 2.º PRÉMIO, de 100\$00: Joaquim Manuel Oliveira Lucas, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 61; Victor Manuel Caiado Soeiro, Bairro Novo do Parque, 16; e Victor Manuel Vasques, Rua do Cais, 28, todos de Montijo, que acertaram em onze resultados, e participando deste prémio, a receber nesta redacção, por compras a efectuar em estabelecimento à sua escolha, mediante facturas respectivas.

N. B. — Para boa elucidação dos concorrentes aos jogos deste cupão, informamos que os resultados dos jogos ARROIOS-FARENSE, foi de empate 1-1, e o de SACAVENENSE-ORIENTA, foi de vitória à primeira equipa, por 3-2, respectivamente, pelo prélio de 10 do mês corrente, para estas últimas turmas.

Cupões entrados do n.º 22, de 15-2-59: 107

VENCEDOR NO 2.º PRÉMIO DE 100\$00: José Vicente Veludo dos Santos, Rua B, n.º 1, Afonsoeiro, Montijo, que acertou em dez resultados, cujo prémio receberá nesta redacção por compras a efectuar em estabelecimento à sua escolha, mediante factura respectiva.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Dos 108 cupões entrados, não se fizeram marcações de pontos aos concorrentes, por não ter sido favorável ao nosso Clube, o jogo Montijo-Coruchense, pelo empate sofrido.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 24

Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»

Domingo, 1-3-59

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Peniche	Tirsense	Almada	Sacavenense
Marinhense	Chaves	Reja	Arroios
Portalegre	Oliveirense	Montijo	Farense
Salgueiros	Boavista	Estoril	Oriental
Sanjoanense	Gil Vicente	Olhanense	Coruchense
Vila Real	Vianense	Portimonen.	Serpa
Leixões	Espinho	Atlético	Juventude

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

Porto Belenenses

Nome

Morada

Localidade

«A Província» Cupão N.º 24

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo, 1

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 0 - Coruchense, 0

Futebol muito escasso e um Montijo em apuros

Jogo no campo Luis de Almeida Fidalgo, sob a direcção do sr. Henrique Heitor, de Lisboa.

As equipas formaram:

MONTIJO: — Redol; Mora, Pinto e Parrela; Barrigana e André; Barriga, Serralha, Veredas, J. Paulo e Romeu.

CORUCHENSE: — J. Maria; Bailão, Prates e Luís; Alfredo e Afonso; Foguete, M. Jorge, Júlio, Corona e Rosa.

Mais uma vez o Coruchense, ainda que bastante enfraquecido, no confronto com anos anteriores, foi um obstáculo sério e intransponível, não pela sua força ou saber, mas sim, com a cooperação do próprio (adversário?).

A equipa dos visitantes que este ano ainda não nos tinha sido possível avaliar, desiludiu-nos em absoluto, porquanto, apresenta-se bastante dese-

quilibrada, misturando alguma juventude com excesso de veteranía, podendo em alguns casos, considerar-se (caruncho) como é hábito dizer-se em gíria futebolística.

Ora, em presença destes factos irrefutáveis, não podemos nem queremos admitir que o Clube da nossa terra, onde existem alguns valores reais na prática de tão apreciado desporto, se deixem superiorizar por um adversário tão débil.

A prová-lo, basta consultar o lugar por eles ocupado, na tabela da classificação. Nós, não pretendemos diminuir nem sacar valor ao empate imerecido (e digo imerecido, porque tiveram jus ao triunfo) do grupo Coruchense, mas sim demonstrar que na presença duma equipa falha de possibilidades, o Montijo conseguiu não ser melhor.

Alguns factores impedem que o Montijo seja o que realmente pode e deve ser. E' na verdade desolador, ver o Montijo actuar e ainda mais desolador, sermos forçados a assistir a actos de indisciplina, falta de compostura e atrevimento grosseiro dum atleta, que desrespeitando a boa ética, se dá ao luxo de exhibições extras, perante tão indulgentes membros directivos.

Era nossa intenção, não bulir, nem ao de leve, no trabalho do técnico da equipa montijense, mas a devoção que dedicamos a tudo que diz respeito ao futebol da nossa terra, tem raízes fortes e por conseguinte, mal ficaríamos se perante tais factos, nos abatessemos totalmente.

Como todos sabem e vêem, a equipa montijense está a afundar-se assustadoramente, por conseguinte parece-nos ser aqui o lugar mais leal para se poder fazer algumas considerações, em prol, e não contra.

Queremos parecer, que as formações apresentadas pelo Desportivo carecem de estruturação global, que permita aos seus sectores, uma mais lata possibilidade de produção de jog, evitando assim um desgaste individual, de dois ou três sacrificados. Em nosso entender, os sistemas criam-se não como princípio, mas sim,

para servir consoante a necessidade da equipa, colocando-se as peças de modo a que se possa extrair o maior rendimento possível, mas sempre dentro da função característica de cada uma.

E, sendo assim, não podemos nunca colocar um Serralha, a interior-médio; um Barrigana, a médio-defesa no lado direito; um Paulo, a interior-avançado; um Romeu, a extremo-interior, e outros mais que nos parecem totalmente deslocados, se tivermos em atenção as suas reais características e tipos.

Sabemos perfeitamente bem e por isso não pretendemos — Uma grande equipa. Não! Mas o que não temos dúvida alguma é que poderíamos ter a casa muito melhor arrumada. Bastará para isso, uma análise mais cuidada e concreta, às diversas pedras que possuímos.

No que respeita a futebol praticado, não lobrigámos algo que possa merecer referência especial ou mesmo descritiva, tão pobre foi este encontro entre dois antigos rivais, que nos deram em tempos não muito distantes, alguns momentos de bom espectáculo. A exhibição esforçada de Barrigana e os três remates na madeira das balizas montijenses, podem-se assinalar como sendo as únicas coisas

boas que este encontro nos brindou.

A correcção com que ambas as turmas se portaram só por si justificavam uma arbitragem com nota alta, mas parece-nos que os srs. árbitros teimam em não tomar como lei, quando se trata de beneficiar o infractor.

José Canrim

Basquetebol

O Montijo deu boa réplica aos campeões nacionais

Montijo, 30

Barreirense, 46

A contar para a primeira fase do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, realizou-se no passado sábado, à noite, no campo «Luís de Almeida Fidalgo», o jogo Montijo — Barreirense.

As equipas apresentaram as seguintes formações:

MONTIJO: — Bernardes (12), Ribeirado (2), Tomás (5), Teodomiro (5), Cepinha (4), e José Maria (2).

BARREIRENSE: — Valente (7), Jorge Silva (2), J. Macedo (20), Ferreira (11), A. Macedo (4) e E. Nunes (2).

Árbitros: Daniel Medeiros e Henrique Correia.

A equipa montijense depois de fazer uma primeira-parte bastante fraca, onde não conseguiu marcar mais que 7 pontos, contra 20 do Barreirense, recompôs-se no segundo período de jogo e deu boa réplica aos actuais e talvez futuros - campeões nacionais.

Se não fosse a diferença de 13 pontos alcançados pela equipa do Barreiro antes do intervalo, não escandalizava, se o Montijo tivesse alcançado a sua primeira vitória, no presente campeonato, o que lhe daria talento para futuros triunfos.

O Barreirense teve sérias dificuldades para conter a garra dos montijenses no segundo tempo e se não fosse a excessiva liberdade concedida ao excelente e conhecido «internacional» José Macedo que fez 20 pontos, talvez as coisas se tivessem passado de diferente modo.

No próximo sábado à noite o Montijo defronta no campo «Luís de Almeida Fidalgo», a equipa de os «Os Belenenses».

José Rosa

CAMPEONATO DISTRICTAL DE JUNIORES

C. U. F., 1 — MONTIJO, 0

Grande foi a desilusão dos montijenses que se deslocaram em elevado número, ao novo campo de jogos da Quinta da Palmeira, propriedade do Grupo Desportivo da CUF, para assistir ao jogo considerado final do campeonato distrital de juniores.

Antes de se iniciar o prélio, os vaticínios eram favoráveis aos de Montijo, cuja formação, sem dúvida, é superior aos «fabris». No decorrer do encontro e para o espectador desprevenido, este foi induzido em erro, porque os visitantes nunca conseguiram afirmar a sua superioridade.

Os factores que incidem sobre o resultado duma partida de futebol são inúmeras; todos nós que acompanhamos estes o sabemos. Por isso, nunca é demais acautelar sob todos os aspectos e, antecipadamente, quando se tem em mira conseguir um título.

As coisas podem ir correndo ao sabor da fantasia, mas, tarde ou cedo, virá a lume, a negligência para preocupação dos responsáveis, se tiverem a noção das responsabilidades e um pouco de amor próprio, pelos lugares que lhes são confiados.

Geralmente, em matéria desportiva, é em jogos decisivos que afloram os senões duma deficiente orientação, pois o estado psíquico do jogador, perturbado pelas dificuldades que espera encontrar, não o deixa actuar com o necessário relaxamento nervoso para recalcar os sentimentos latentes no seu espírito.

Relacionando isto, aos factos verificados no passado domingo, podemos dizer, segundo curámos saber que a equipa montijense não venceu nem convenceu, porque não actuou consoante as instruções dos seus orientadores.

É grave. Devemos, porém, esclarecer, pois, também, temos disso conhecimento, que o ambiente disciplinar não é dos mais benéficos, havendo jogadores com missões definidas que não cumprem e outros que só actuam nos lugares que entendem e quando postos noutros lugares, fazem officio de corpo presente.

É reprovável que um conjunto futebolístico, cuja imagem que algumas vezes temos exibido, duma máquina bem engrenada, onde to-

das as peças se devem ajustar num trabalho harmonioso, comandada pelo técnico, entre em campo, desarticulada, agindo com disparidade de esforços.

Quando se trate duma equipa de juniores, menos será de perder, pois representa um agrupamento não só de atletas que iniciam a carreira desportiva, mas principalmente, de moços que despontam para a vida e logo revelam uma deformação moral, com laivos de rebeldia e indiferença pelas responsabilidades.

Espraíamos um pouco este assunto, dado o seu objectivismo de momento, pelo reflexo que apresenta no panorama desportivo de Montijo.

Consideramos o estado actual do futebol montijense como uma repercussão da pouca educação desportiva dos seus praticantes, a qual assenta as suas bases na educação cívica.

Senão, olhemos para a equipa principal, na sua quase totalidade constituída por atletas nados e criados no Montijo, sem o contacto com outros meios da prática desportiva de mais elevado nível. O que verificamos nesta altura da época?

O mesmo que todos os anos acontece.

A equipa apresenta-se como desinteressada, sem garra, falha de alegria e vontade de vencer.

Para este fenómeno, encontramos como razão de ser, um estado de saturação, aliás aceitável, pois de amadores se tratam que além das suas ocupações profissionais, acumulam um excesso da prática dum desporto profissionalizado, com muitos requisitos que lhes não deixam tempo para se recrearem e poderem fugir da rotina a que desde Agosto se obrigaram, para poderem bem cumprir o seu papel.

Assim, nesta altura, seria de apelar para as energias morais, forjadas por uma sólida formação educativa-desportiva, em que lutariam por honra, em nome do Desporto, para destruir a derrota quando esta se adivinhasse e alcançarem a glória que embora efémera para a multidão, possui o segredo dum sublime prazer, e perdurar pela vida fora daqueles que têm a dita

de conseguir a Vitória, por mais modesta que ela seja.

Concretizando e voltando ao assunto principal; a par duma boa técnica a ministrar aos juniores, haveria necessidade de lhes ensinar as regras elementares da boa conduta, adentro das normas desportivas, com respeito pelas hierarquias, observância dos preceitos disciplinares e fiel apego ao símbolo colorido que lhes é dado, domingo a domingo, para o envergar em representação, não do grupo de rapazes lá da rua, mas duma laboriosa e progressiva Vila, onde mourejam trinta mil almas que sentem os bons e maus momentos de todas as actividades, onde figure o nome de Montijo.

Enfim, ensinar-lhes o Código do Desporto, base para que se possam reger adentro de tão vasto e profundo sector da actividade humana.

E, principalmente, mostrar-lhes, como exemplo, a própria conduta, pois para quem dirige ou orienta deve de a ter exemplar.

Por princípio defendemos o mais fraco. No entanto, a este, não podemos deixar de lhe mostrar o erro, quando prevarique. Assim, não podemos desculpar os orientadores da equipa que, aos nossos olhos, foram os causadores da derrota, não só por consentirem antecedentes que no domingo vieram ao de cima, como, ainda, não se fazem obedecer no decorrer do próprio jogo, caso seja verdade não ter havido da sua parte uma má táctica.

E dizemo-lo, porque o Montijo, equipa superior, repetimos, devia ter jogado com suas peças colocadas ao ataque, quando se verificou, precisamente, o contrário.

Pinto, o melhor rematador foi colocado com o número 6 a jogar recuado. Neto, irreverente, andou sempre onde não devia de andar. Cruzeiro, muito habil em dissimular, fez todo o possível por passar o período de jogo... sem jogar. De notar, a sua actividade em fazer lançamentos laterais.

Estes foram os aspectos mais flagrantes que agora nos ocorrem, a que acrescentamos o «eclipse» de Artur, após ter falhado a grande penalidade, 17 minutos depois de iniciado o prélio e que, a ser mar-

cada, talvez modificasse a corrente do jogo.

Num encontro onde as substituições podem ser inventadas, não haveria no «banco» outros jogadores capazes de cumprir melhor as missões que os que estavam no rectângulo não executavam a rigor?

Talvez sim... talvez não! É do segredo dos Deuses!

Já nos alongámos demasiado e, propriamente do jogo, nada relatámos.

Consideramos, contudo, isso de menor importância, porquanto muitos dias vão decorridos e todos os leitores já devem saber como as coisas se passaram.

O C. D. Montijo perdeu pela diferença mínima. Pode considerar-se feliz. Assim como, pode exprimir a sua gratidão ao juiz de campo que num ambiente hostil, mostrou integridade, não se intimidando com os apupos que lhe foram dirigidas.

Distinguimos Emídio e José António na defesa e acenamos a Pinto com a nossa simpatia, pelo que tentou fazer para modificar o resultado. O «veterano» Galamba foi um prodígio de utilidade, não regateando esforços para o bom desempenho da sua missão. Um exemplo a apontar aos companheiros.

Na C. U. F. apreciámos o trabalho do «quadrado mágico», únicos elementos dignos de realce, emparelhados com um espectacular guarda-redes, num conjunto onde imperou a irresistível vontade de vencer e que, gallardamente conseguiram, relegando para segundo plano a melhor técnica dos adversários.

Para a história do encontro deixamos registadas as formações das respectivas turmas:

C. U. F.: — Víctor; Brinca e José Carlos; Palma, Braz e Henrique; Gil, Portinha, Rogério, Gomes e Santos.

MONTIJO: — Emídio; Alves dos Reis e Adriano; Bexiga, José António e Pinto; Coelho, Artur, Cruzeiro, Neto e Galambas.

Árbitro: — Afonso Tavares.

Manuel Lino

Foto Cine Filme

Trabalhos para amadores

Fotografias d'Arte

Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

“Este vale de lágrimas...”

Crónicas de ROMEYRA ALVES — N.º 11

— Pois é assim, meu rapaz. Ainda o ano é uma criança que mal esboça, indecisa, os primeiros passos, e já a loucura colectiva, que parece ter atingido a Humanidade, se revela em novas facetas que são de nos deixar positivamente de cara à banda...

Assim começou o Zacarias, quando, uma tarde destas, tomávamos a habitual chávena de café no cantinho onde, normalmente, nos perdemos nos meandros de amena cavaqueira.

Depois de assim falar, o meu amigo fez uma pausa, lançando um olhar à sua volta, como se quisesse adivinhar os pensamentos de cada uma das pessoas que nos rodeavam. Depois, acendeu um cigarro, aspirou algumas fumaças e continuou:

— E' interessante analisar, «a vol d'oiseau», como todos nós — salvo raras excepções, que, no fundo, só servem para confirmar a regra — nos deixamos dominar por novas esperanças, novas ilusões, no limiar de mais um ano que entra, tomando o seu lugar no imenso e inexgotável calendário do tempo e da vida... E', talvez, um hábito que nos fica de pequenos, em que o futuro sempre se nos apresenta côr-de-rosa e os nossos sonhos parecem conceder-nos todas as garantias de pronta realização... Assim como que uma espécie de deformação cerebral que, até certo ponto, nos vai ajudando a vegetar neste vale de lágrimas...

Nova pausa, que Zacarias

aproveitou para beber o café.

— Assim, — continuou ele — foi, mais ou menos, o que aconteceu no limiar deste 1959 que pouco mais tem do que uma trintena de dias, e no qual todos nós, infantilmente, depositámos umas vagas esperanças em dias melhores... E' claro que esta coisa de acreditar em melhores dias, quando no calendário se muda a folha para um novo ano, se tornou num lugar-comum, assim como que uma espécie de 1 de Abril do espírito, por força do qual cada um de nós pretende iludir-se a si mesmo, mergulhando em ilusões que não são próprias da época atômica e hidrogénica que atravessamos... Talvez porque já todos nós estejamos cansados de tantas desavenças internacionais, de tantas e tantas quesílias, de tantas e tantas corridas vizando o bocado que pertence ao próximo, tornou-se assim numa espécie de prémio de consolação eventual o acreditarmos — pobres loucos! numa melhor compreensão entre aqueles que regem os destinos dos povos, com abolição total desses famigerados engenhos destinados a dar cabo desta pobre Humanidade, que nenhuma culpa tem dos erros de meia dúzia de transviados...

Zacarias fez uma nova pausa e esmagou o cigarro dentro do cinzeiro. Depois, recostando-se melhor na cadeira, prosseguiu:

— Em vez disso, os jornais continuam a trazer-nos — e

cada vez mais — notícias que nada nos dizem de tranquilizador, com chacinas em massa... revoltas sobre revoltas... sempre na mesma ânsia louca do poder absoluto... procurando fins sem olhar a meios... E' claro que tudo isso se tornou no pão nosso de cada dia... Mas, vendo bem as coisas, não é só nisso que a Humanidade revela a loucura que a avassalou de há uns tempos para cá e que tende a atirá-la, sem remissão, para o manicómio do infinito...

E' o caso das notícias espantosas — mantenho o termo por sugestão própria — que ultimamente têm vindo a lume nos grandes diários. E se não, repara: os ingleses inventaram, pelo cérebro privilegiado de meia dúzia de sábios, honra e glória da indústria nacional, um qualquer produto que, ao contrário daqueles que lavam mais branco e dão alguidares em troca das tampas das embalagens, é o suficiente para nos apresentar perspectivas bem negras, uma vez que apenas meio quilo, tem a rara virtude de reduzir esta pobre Humanidade a cinza, pó, terra... e nada...

Zacarias olhou-nos bem de frente, como a querer avaliar o efeito das suas palavras, e logo continuou:

— Algo de fantástico, como podes e deves concordar, e que nos oferece as garantias dum futuro absolutamente risonho... Acrescenta a esta notícia a daquele casal que se prepara para passar as

férias na lua... e chegarás, como eu, à conclusão de que o Mundo está totalmente mergulhado numa loucura em último grau, de que é muito difícil conseguir curar-se... A par destas, ainda posso citar-te mais duas notícias que me deixaram positivamente de boca aberta: a primeira, fala-nos de um senhor locutor radiofónico — não se trata de piada para ti — que pretende — ou pretendeu — manter-se perto de duas centenas de horas sem dormir, sendo obrigado para isso a fazer uma ginástica que faria inveja ao mais exemplar chefe de família... Uma coisa que nem lembraria ao próprio diabo... e que só revela a fraca mentalidade de meia dúzia de cavalheiros que andam à solta... talvez porque os manicómios se encontrem completamente cheios... E finalmente, meu rapaz, há aquela extraordinária notícia dum senhor, com muito boa idade para ter juízo, que resolveu bater o seu próprio «record», dispoñdo-se a dançar esse famigerado «hula-hoop», uma coisa tão disparatada como o próprio nome, durante não sei quantas horas...

E' claro que isto são coisas que não se metem na cabeça dum pessoa com dez réis de senso, mas a verdade é que o tal cavalheiro — outro maluco à solta neste imenso manicómio que é o Mundo — lá dançou horas a fio, agarrado ao arco do «hula-hoop», muito convencido de que estava a fazer algo pelo progresso da Humanidade... esquecendo-se de que, no fundo, não passa dum mísero fantoche no estravagante palco da vida...

Zacarias interrompeu-se, acendeu um novo cigarro e concluiu:

— Estas são, a poucos dias do seu nascimento, as perspectivas para este risonho e prometedor ano de 1959...

Acrescenta-lhe as lutas inter-nações pela supremacia da moda feminina... acrescenta-lhes os foguetões e «sputniks»... e terá o panorama maravilhoso que se disfruta neste encantador vale de lágrimas, prestes a submergir-se nas águas turbulentas da loucura e perversão... Paciência, meu rapaz. Paciência... e cara alegre, que outra COISA não podemos fazer... Que, no fundo, ainda podemos dar graças a Deus por os portugueses ainda não se terem lembrado de bater «records» de «hula-hoop»... nem nenhum locutor se ter lembrado de estar duas centenas de horas acordado... impingindo-nos, para não adormecer, discos de «rock and roll»!...

Será Possível? ...

(Continuação da primeira página)
os da raça perseguida, por experiência e concretos conhecimentos se revelam de mentalidade prestigiosa, que se reflecte na elevação da mesma raça.

A elevação desta funda-se na sua competência, na atmosfera que a rodeia e no ambiente criado à sua volta.

Não tratamos de pedir um favor, ou benevolência para os negros, mas tratemos simplesmente de uma obra de compreensão e amor pelos mesmos.

Não há distâncias entre almas, a não ser as ditadas pelo carácter social e pela delicadeza do próprio.

E' mister que o mundo caminhe para a realização de um vasto plano de educação da Juventude, porque esta será a base lícita do Amor Racial. **Seisdedos Branco**

Saber morrer

CONTO - Por Carlos Mascarenhas

(Conclusão do número anterior)

— Sim, deve ser. Aos anos que isso foi...

Eramos então ainda garotos, e Filipe, não sendo positivamente o companheiro mais querido, era, pelo menos, bastante estimado, pelos seus apreciáveis predicados e natural bom humor, fazendo rir os camaradas com os seus dítos facetos.

Por esse tempo, a «grande guerra» fizera paralisar a maioria das fábricas do nosso concelho estremenho, o que forçou à dispersão das famílias cujos chefes trabalhavam nas indústrias, indo cada qual para seu lado à conquista do pão de cada dia.

Amigo Filipe percorreu várias terras, vindo mais tarde assentar arraiais na capital, sem que eu jamais conseguisse pôr-lhe a vista em cima. Sabia apenas que estava algures em Lisboa, e nada mais.

Por meu turno, vim também para a capital, a praticar nas «germanas artes». Foi o que me deu um pouco de verniz, visto que, se continuasse atido ao podão e à enxada, não passaria, ainda hoje, da triste rusticidade, apamónio das gentes que labutam na gleba.

— Pois, senhor Horácio, se sabe onde pára o Filipe, muito me obsequiará guiando-me até ele.

Da melhor vontade o meu recente amigo acedeu à rogativa, propondo-me o dia seguinte para o sensacional encontro.

— E calha bem, porque amanhã é sábado...

Assim fizemos. A casa onde entrámos, ao descer a noite, era uma locanda sossegada, de ambiente familiar, frequentada por gente pacata, entre a qual se salientava um indivíduo folgazão. Não tive, pois, dificuldade em reconhecer o amigo que perdera de vista há mais de trinta anos. Abordei-o, mencionei-lhe o nome e ofereci-lhe uma bebida. Encarou-me, buscando reminiscências que parecia não lhe acudirem. Espevitei-lhe então a memória com um estribilho que ele usava na infância. Iluminou-se-lhe a face num largo sorriso, exclamando, finalmente:

— Olha o Caetano... Venha de lá esse abraço!

Evocámos, como não podia deixar de ser, a nossa distante juventude, informámo-nos da mútua vida actual e falámos de tudo o mais que nos ocorria. Petiscámos, bebemos, até que, suspendendo a galhofa, me disse com o modo mais natural:

— Apareceste na altura própria, meu rapaz. Se não viesses hoje não tornarias a ver o teu amigo Filipe... Amanhã por esta hora já devo estar nos anjinhos...

Todos riram do gracejo, mas ele insistiu convicto:

— Já há bocado o disse àquele meliante — (o meliante era o dono da casa) — mas ele não quer crer.

— Ora, ora... — retrucou este. — Quem o diz não o faz.

E a conversa prosseguiu no mesmo tom, entremeada de chistes e riscos da simpática assistência, até ao momento em que o locandeiro anunciou que ia fechar a porta.

Com a maior paz de espírito, Filipe amigo pediu então:

— Dá cá mais um para a sossega, ó Serafim. Como te tenho dado muito dinheiro a ganhar, és tu que pagas o último copo que bebo...

O homem encolheu os ombros e franziu o mento.

Despedimo-nos uns dos outros, na certeza fagueira de que, no dia seguinte, poderíamos lazerar mais algum tempo na cama.

Retornados às ocupações, logo na segunda-feira, o senhor Horácio me deu a notícia inesperada:

— Então o nosso Filipe...

Fiquei expectante, sem saber o que pensar desta frase incompleta.

— ...cumpriu o que disse!

Senti um choque na minha alma e pedi explicação do que acontecera.

— Segundo me contaram lá no botequim, o Filipe esperou que, como de costume, sua mulher fosse ontem à praça. A boa criatura, sem suspeitar de nada, por lá se demorou e, ao voltar a casa, deparou-se-lhe o marido pendente do nó corredio de uma corda, com um escanho tombado aos pés...

Sempre que, nas minhas permanências nessas casa de doença, ditas de saúde, assisto a falecimentos tão mesquinhos, tão «cobardes», como os dos agonizantes que gritam *Ai, que eu vou morrer*, vem-me sempre à lembrança o destemor, o estoicismo daquele vencido da vida, que, ocultando a sua dor ingente, a todos fazia rir com a sua alegria aparente — melhor dizendo, com a sua alegria macabra. Ante a firmeza magnífica com que o anónimo Filipe procurou o *precioso bálsamo divino* | *que cerra as chagas do infeliz vivente* — como cantou Elmano —, não posso deixar de respeitar o conceito lapidar de um pensador cujo nome não fixei: «O suicídio é a força dos que a não têm, a esperança dos que já não crêem, a sublime coragem dos vencidos».

Terras de Portugal

Lisboa mourisca — — Lisboa cristã

Grande efeméride nacional é esta que nos evoca, à distância imensa de oito séculos, a transcendente vitória militar de Afonso Henriques, conquistando, a poder de força, de engenho e de pertinácia os muros sólidos do Castelo de Lisboa — essa cobiçada cidade mourisca, orgulho do invasor sarraceno e pedra angular da expansão marítima do extremo peninsular.

Foram três longos meses de cerco, alimentados pelas tropas do monarca português e pelas vastas falanges de cruzados, formados pelas mais desvairadas gentes, assédio que expirou, triunfantemente, a 25 de Outubro de 1147.

Naquele dia maravilhoso Portugal determinava, para sempre, o seu rumo cristão e a sua vocação expansionista.

Oliveira Martins extrai esta lição da memorável batalha castrense:

«A base geográfica e marítima de Portugal estava ganha para não mais se per-

der. A tomada de Lisboa lavra o acto de nascimento da Nação Portuguesa, até aí envolvida nos limbos da geração.

Portugal tem a existência confirmada pela sanção dos exércitos cruzados da Europa».

Da acastelada cidade mourisca, da hora da conquista, de que Alfama e Mouraria ainda nos falam no silêncio das suas pedras e na políctomia da sua bizarra arquitectura, expraiou-se, numa corrida incessante, um imenso casario de imponente e vasta construção, escorrendo por campos e vales, Tejo abaixo, até ao Mar Atlântico, seu termo definitivo.

Lisboa de hoje, na sua grandeza majestosa e na sua beleza incomparável, contemplando as pedras sagradas do seu Castelo — seu glorioso braço d'armas — prossegue, confiada, sua jornada triunfal pelos Séculos, na certeza orgulhosa de uma missão que a História testemunha em palavras de eterna ressonância.

AÇORES

Tem o Secretariado Nacional de Informação desenvolvido uma profunda campanha de remodelação das condições turísticas portuguesas com o fim de tornar as belezas naturais da nossa terra mais conhecidas e procuradas.

Foi o S. N. I., o organismo que iniciou nos primeiros passos o turismo português e o tem impulsionado de modo a transformá-lo, num futuro próximo, numa das mais, senão a mais próspera das indústrias.

Portugal, pelo seu clima brando sem demasiado altas ou baixas temperaturas, pelo recorte suave das suas costas com praias cheias de maravilha, pelo carácter lhano do seu povo e tipicidade dos seus costumes, perfeição da rede de Hotéis e Pousadas bem como a quantidade e excelente qualidade das suas vias de comunicação, é uma fonte fabulosa de atracção e riqueza turística que os estrangeiros já descobrirem e que os portugueses começam a desvendar e preferir às sempre fatigantes e artificiais viagens ao estrangeiro.

A Oeste da Europa Meridional, debruçados em pleno Atlântico, encontramos três grupos de ilhas formando o Arquipélago dos Açores. S. Miguel, a maior de todas, e St.ª Maria, formam o Grupo Oriental; Flores e Corvo, pertencem ao Grupo Ocidental; e o Grupo Central é constituído pelas ilhas Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico e Faial. A nordeste de St.ª Maria, qual mancha microscópica batida pelo verde das águas atlânticas, encontramos os ilheus das Formigas.

Todas as ilhas são de carácter vulcânico, de crateras extintas cheias de água formando aprazíveis e deliciosas lagoas como a do Vale das Sete Cidades, na ilha de S. Miguel, de 400 metros de profundidade com 12 Km. de circun-

ferência, de forma alongada, estrangulada a meio.

As vertentes são pródigoamente arborizadas e aqui e além destacam-se as manchas brancas do casario das pequenas povoações.

A Lagoa das Sete Cidades é, a justo título, uma das mais encantadoras e apreciadas atracções dos Açores.

Todo o litoral açoreano é muito recortado oferecendo um sem número de pequenas reentrâncias e baías constituindo óptimo abrigo para os barcos de pesca.

Históricamente os Açores perdem-se na sombra dos tempos. Foram descobertos no tempo do infante D. Henrique no início da gesta heróica dos descobrimentos marítimos em que os nautas lusitanos se preparavam para dar «novos mundos ao mundo». E estas ilhas eram o ponto ideal para o descanso e reabastecimento, ou aguadas de todas as caravelas que labutavam nos «tratos» da Guiné.

Ainda hoje são os Açores um elo de ligação da navegação do Atlântico Norte. Restos, talvez, ainda da perdida Atlântida da lenda, constituem o elo de ligação entre o novo e o velho mundo, entre a Europa e a América.

Açores, terra portuguesa por excelência, descoberta, povoada, desbravada, cultivada e habitada há longas gerações por portugueses, tem escrito na história páginas dum brilhantismo inextinguível. A tenacíssima resistência da Ilha Terceira contra as forças de Filipe de Castela é a prova irrefragável.

Estas terras dedicadas essencialmente à agricultura, indústria de lacticínios e pesca são o «habitat» de gente activa, empreendedora, paciente e tenaz que não desiste de levar ao bom termo a luta que vem travando com a natureza.

Mas os Açores também são muito da paradisíaca «Ilha dos

PORTUGAL: País de Turismo

Oferece o nosso País condições excepcionais para o desenvolvimento do turismo.

Os milhares de turistas que afluem a Portugal, cada vez em maior número, são a prova evidente da existência de condições naturais que, mais do que os cartazes propagandísticos, atraem ao nosso País os estrangeiros.

Com efeito, o clima, a variedade da paisagem, as óptimas estâncias termais, as extensas praias, tudo isto são elementos que dificilmente se reúnem em curtas distâncias como acontece em Portugal.

As boas estradas que cortam Portugal de lés-a-lés, os novos hotéis que aqui e ali vão sendo construídos,

O encanto e a simplicidade das suas gentes, as belezas naturais que se desdobram de Norte a Sul e o valor artístico dos seus monumentos, são factores decisivos para captar o interesse do turista. Tão decisivos, que nos últimos anos, mercê desses factores e duma acção constante de valorização e propaganda exercida pelo Secretariado Nacional de Informação, o número de visitantes estrangeiros tem aumentado progressivamente.

Se é consolador verificar que o estrangeiro nos procura com a certeza de encontrar motivos de interesse e beleza nas suas digressões pelas terras de Portugal, de lamentar, é, que o português

proporcionar umas férias agradáveis e saudáveis.

Na primavera, o Algarve proporciona ao visitante o deslumbramento dos seus campos cobertos de branco das amendoeiras em flor.

O Alentejo, o verde matizado das searas ondulando ao vento, em extensões a perder de vista e o Norte do País as serranias cobertas de frondosas matas.

No verão são as lindas estâncias termais e as praias que se estendem por todo o litoral que acolhem quem aí procura repouso, saúde ou divertimentos.

Com os dias amenos dos meses de Outono são as regiões de Entre Douro e Minho que mais convidam o



COVILHÃ — Um aspecto de Campismo na Serra da Estrela

dentro dum plano geral de valorização turística, as facilidades cambiais, a abolição de vistos para os naturais de numerosos países, são, também, sem dúvida, outros factores preciosíssimos que se conjugam para oferecer maior garantia de conforto ao visitante.

Em acção insistente, consócio do valor que o turismo representa para o país, o Governo facilita, através do Fundo do Turismo e do Secretariado Nacional da Informação os meios necessários e indispensáveis do incremento desta actividade nacional que não passando ontem duma mera aspiração, é hoje uma indiscutível realidade.

fascinado pelo eco dos grandes cartazes turísticos do estrangeiro, não tenha ainda descoberto as possibilidades existentes no País, em matéria de diversões turísticas.

Favorecido por um clima temperado que convida a viajar, o País veste-se em cada uma das estações do ano, de maravilhosas belezas e de cores, que caracterizam determinadas regiões.

Se no Minho, rico de folclore e vegetação, o turista fica maravilhado por um colorido que abunda da paisagem aos trajos, no Algarve, por exemplo, não menos satisfeito se sente por encontrar belas praias de areias finas e águas temperadas, que lhe podem pro-

turista e o deslumbram pelo folclore e pelo colorido das suas paisagens, a que se junta a animação e a alegria das tradicionais festas das vindimas e das romarias portuguesas.

Chegado o inverno, a Serra da Estrela cobre-se com o seu manto de neve e constitui uma das mais belas atracções turísticas, ao mesmo tempo que oferece excelentes possibilidades para a prática dos desportos de inverno.

Tudo isto, a par de outros motivos de interesse, de boas estradas, de excelentes hotéis e pousadas há-de captar a atenção dos portugueses como já conseguiu em

(Continua na página 5)

Amores». Cartaz turístico onde o clima é duma amenidade que se sobrepõe às estações do ano.

Ninguém conhece a neve nos Açores. O matizado do arvoredo é luxuriante e a ele não falta o encanto marítimo, o ondular do oceano.

A Ilha das Flores é uma enorme grinalda e quem percorra as suas estradas sente-se estreitado num abraço de perfume e cor em que as hortênsias azuis e grandes faias

debruadas de roseiras silvestres são vida e chama dos sentidos.

A natureza e o progresso entrelaçam-se. Na Ilha Terceira o Aeroporto e as tradicionalíssimas touradas. Na Ilhota, o Pico enorme, imponente, austero e ao mesmo tempo convidativo e o mar de hortênsias.

Em S. Miguel a paisagem das Sete Cidades e as morraças nos jardins micaelenses onde florescem as camélias. As festas do Espírito Santo e as do Senhor

Santo Cristo são outros tantos motivos de encantamento.

É esta a boa terra dos Açores, ilhas portuguesas do Atlântico, progressivas e laboriosas cujo valor na comunidade portuguesa o Estado Corporativo não cessa de engrandecer e proclamar.

Como diz Christine Garnier, «um mundo novo pródigo de flores e de sol mesmo no coração do Inverno, onde nas aldeias as casas ainda não têm fechaduras».